

Banqueiro revela que o Brasil paga 'spread' de 4%

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Dentro de um mês começa de novo nos Estados Unidos a renegociação da dívida externa brasileira. O Chase Manhattan Bank faz parte da comissão de 13 bancos que assessoram a dívida externa brasileira. Esta semana um banqueiro do Chase contou, com exclusividade para O GLOBO como são feitas as negociações das dívidas externas latino-americanas: como o banco contabiliza os empréstimos e pagamentos; as taxas de juros que são cobradas; porque os bancos consideram o Brasil como um risco; o tipo de pessoa que o banco contrata para negociar dívidas externas; e, por fim, porque os bancos vão seguir negociando com o Brasil considerado o "filé mignon" dos banqueiros. A pedido do banqueiro, sua identidade não será revelada.

O GLOBO — Como são contabilizados os empréstimos e pagamentos da América Latina e por quê?

Banqueiro — Geralmente, os empréstimos da América Latina são contabilizados em Nassau, nas Bahamas para efeitos de taxas e impostos dos Estados Unidos. Assim existe Chase Nassau etc. Há um departamento especialmente preparado para a América Latina, que se chama Chase IBF. Há também escritórios em Miami, Nova York e Los Angeles, especialmente para esse fim.

O GLOBO — Qual a verdadeira taxa de juros que o

Brasil está pagando atualmente?

Banqueiro — Há empréstimos feitos ao Brasil com início de amortização em 1990 com spread de quatro pontos acima da Libor. Atualmente isto significa mais de 16 por cento. Todos os bancos coreanos estão pagando a taxa Libor e um ponto percentual acima, quando muito. Uma companhia como a Nestlé ou a IBM não paga nem um ponto, é sempre 0,5 ou 0,3 acima da Libor. Os bancos dizem que o Brasil é um caso de risco assim como a Argentina. Isto é uma forma de cobrar mais da América Latina. Mesmo que a América Latina não pague, só o que já pagou de juros acima do mercado já garantiu o lucro do banco. Além disso há uma empresa de iniciais CCC que garante os empréstimos feitos para a América Latina. Isto é um truque usado por banqueiros e que nunca é questionado nas negociações.

O GLOBO — Está sendo discutida nos bancos a sucessão presidencial brasileira?

Banqueiro — Há uma incerteza total sobre o que vai acontecer no Brasil. Esta incerteza ajuda o argumento dos banqueiros de que o Brasil é um caso de risco. Por exemplo: a Argentina ficou nesta situação quando foi eleito Raul Alfonsín. Em geral, os banqueiros acham que para eles vai ficar mais difícil com Tancredo na Presidência. Entenda bem, o Brasil é um "filé mignon" para os banqueiros. Há empréstimos de menos de US\$ 1 bilhão em que o banco, além

da Libor, mais o spread, ainda cobra um prêmio (premium, em inglês). Além disso cada empréstimo na sua renovação tem diversas taxas onde o percentual é mais ou menos de um por cento. Mesmo com a queda do spread nos últimos tempos o banco já tirou muito. Eles acham que isto pode parar no Governo Tancredo, caso eleito.

O GLOBO — Quais os outros mercados de que os banqueiros gostam?

Banqueiro — Eles gostam da Itália, Inglaterra mas veja bem nada é igual ao Brasil em termos de volume de negócios. O mercado é o oitavo maior do mundo. Na Inglaterra, eles não podem fazer o que fazem com o Brasil em termos de juros, spreads Premiums. No Brasil eles cobram mais e o volume é maior. Além disso o mercado é bem mais atrativo do que o europeu. O futuro está no Brasil, segundo os banquei-

ros. A Europa já deu o que tinha que dar.

O GLOBO — Como foi feita a dívida externa brasileira?

Banqueiro — É um erro dizer que o Brasil pediu dinheiro. O Brasil não pedia; nós é que, com o dinheiro que ganhamos dos petrodólares árabes a partir de 1973 colocamos no Brasil verdadeiras fortunas. O México, Brasil e a Venezuela eram e são mercados e países atraentes para o

investimento. Lógico que sem este dinheiro o Brasil não teria se desenvolvido da maneira que está hoje. Mas certas legislações como a Resolução 63 não ajudaram. O Estado de São Paulo, por exemplo, se endividou totalmente através desta resolução. Financiamos o crescimento. Foi feito um eixo petrodólares — Bancos-Brasil.

O GLOBO — O banqueiro se interessa pela sociedade do País?

Banqueiro — Interessa quem está no poder. Não interessa o custo social. Isto é problema do FMI. E por isso que os próprios bancos têm uma seleção de pessoal muito rígida. Por exemplo: há três categorias para o banco e com pessoas com quem o banco negocia. As categorias são numeradas de acordo com as vantagens do banco. Na primeira categoria está o cidadão do mundo. Aquele

que tem país mas não está se importando com isso. Vive em qualquer parte e a qualquer hora. O segundo é o viajante internacional, que faz diversas viagens ao exterior mas tem uma base fixa. O terceiro é o doméstico, que raramente viaja e quando o faz é sempre com um destino certo. Lógico que para o banco o cidadão do mundo ou o viajante internacional são os melhores quando sentados do outro lado da mesa.